

Em busca do Phallus perdido

In Search of the lost Phallus

Paula Góes

Resumo: O texto busca refletir a respeito da angústia do homem pós-moderno naquilo que diz respeito à sua relação com a mulher, à construção da masculinidade e à paternidade. Tendo por base a hipótese de que o progressivo divórcio entre o pênis e o Phallo vem sendo uma das causas principais do declínio de patriarcado, o trabalho inclui, também, uma revisão histórica a respeito do significado, do lugar e do uso do simbolismo phallico do ponto de vista cultural, social e psicanalítico.

Palavras-chave: phallo; declínio do patriarcado; homem; pai; mulher; mãe; sexualidade; castração; desamparo.

Abstract: *My article is an invitation to reflect upon post modern man's anxiety (anguish) regarding his relationship with woman, his construction of masculinity and paternity. Basing my work on the hypothesis that the increasing divorce between penis and phallus is where we see one of the main causes of the decline of patriarchate, my paper also includes a historical revision concerning the meaning, the place and the use of phallic symbolism, from a cultural, social and psychoanalytical point of view.*

Keywords: *phallus; decline of the patriarchate; man; father; mother; sexuality; castration; helplessness.*

A constatação de que sua mãe não é e nem tem tudo que ela, a criança, deseja, e que ela, a criança, também não é e nem tem tudo o que sua mãe deseja, marca o momento crucial em que tem início a travessia edípica. A criança olha para a mãe e se pergunta: *para quem ela olha? O que ela deseja? A quem ela deseja, se não a mim? De quem ela precisa para se satisfazer?*

Até o século XVIII podíamos assegurar que, na maioria das vezes, a mãe estaria olhando para o pai porque, na sociedade patriarcal, era ele quem era suposto ter aquilo que estaria faltando à mãe o que, portanto, levaria a criança a olhar para o pai e dizer: *então eu também quero ter o que ele tem. Só assim poderei ser eu aquele que dará a minha mãe aquilo que lhe falta.* Mas eis que esse mesmo pai interviria para lhe dizer: *Esta mulher não é sua. Ela é minha. Esta lhe é proibida. Você pode ter outras, quaisquer outras, menos esta.* Mas o que é que ele tinha, o pai? Mais corretamente, o que é que ele era suposto ter?

I - O Phallo

a) Cultos Phallicos na Antiguidade

A imagem do pênis se transforma num símbolo quando seu significado extrapola o diretamente biológico, e quando seu papel se dirige a outras metas que não a procriação. O pênis, em sua capacidade simbólica, é chamado Phallus, sendo representado sempre em estado de ereção e separado do corpo, apontando para aquilo que, dentro da concepção psicanalítica, consideramos como um objeto parcial.

Os gregos faziam uma clara distinção entre o Phallus enquanto símbolo e o órgão anatômico, usando um termo distante para este último. 'Phallós' era usado apenas no contexto religioso. Anatomicamente o genital era chamado por outros nomes, 'peos' (cauda), por exemplo.

O culto phallico é a mais antiga das superstições da raça humana, tendo se instalado mais ou menos entre todos os povos conhecidos da antiguidade, persistindo por um período de tempo longo o suficiente para alcançar o Cristianismo¹. Sua presença na história da humanidade e sua ligação com os cultos religiosos é quase sempre interpretada como um culto à fertilidade, uma homenagem ao poder gerador do ser humano em estreita consonância com as leis da natureza, seu principal modelo de inspiração.

1. São inúmeras as referências aos povos antigos e suas respectivas figuras míticas relacionadas aos cultos phallicos, entre eles Egito, Índia, Tibet, Síria, Babilônica, Assírios, Pérsia, Grécia, Itália, Espanha, Alemanha, Escandinávia, Américas, Ilhas do Oceano Pacífico.

Mas este não seria o único sentido atribuído a este poderoso significativo. Segundo Westropp (1870) é possível distinguir três momentos, ou três aspectos principais no uso do simbolismo phallico: como objeto de reverência em cultos religiosos e relativo aos aspectos criadores; como um poder protetor contra influências malignas de vários tipos; como um amuleto contra a inveja e o “olho gordo” (*evil eye*). Mas, além destes usos, o autor cita também uma interessante passagem bíblica (Gênesis) em que Abraão pede a seu servo que, como prova de sinceridade ao lhe fazer uma promessa solene, coloque a mão sobre seus genitais, sobre seu membro sagrado (do mesmo modo como hoje colocamos a mão no coração, ou sobre a Bíblia em tribunais). Esse é um costume presente também entre os Árabes até a modernidade².

Por último, este autor cita ainda a força do culto phallico entre mulheres de todas as raças, fossem elas bárbaras ou civilizadas, cujo maior desejo era o de serem férteis, numa época em que seu valor era avaliado de acordo com o número de filhos nascidos. Para elas o Phallus se tornava objeto de reverência e culto especial como um símbolo de capacidade de proliferação, como um doador de prole e descendência.

Já Vanggaard (1972) nos traz novos e surpreendentes usos e significações do Phallus na antiguidade, mostrando metas que estavam muito além daquelas ligadas à fertilidade. Ele nos conta, por exemplo, que na Nova Guiné, quando um nativo escolhia uma árvore que parecia adequada à confecção de seu arpão, ele pressionava seu pênis contra o seu tronco de modo que sua futura arma adquirisse poderes de precisão, força e grande capacidade de penetração.

Do mesmo modo, diz ele, os nobres Dórios (um dos povos formadores da Grécia clássica) sete séculos antes de Cristo, tinham o hábito de copular com um menino aprendiz de guerreiro, para, através de seu Phallus, transferir a ele a essência de suas melhores qualidades, fazendo do menino um homem com força, senso de dever, eloqüência, inteligência, generosidade, coragem, e todas as outras nobres virtudes.

Nestes dois exemplos, continua o autor, não podemos nos referir a atos simbólicos no sentido que damos à palavra hoje, isto é, para denotar alguma coisa que parece ser, mas que na realidade não é (representação simbólica). Tanto para os Dórios quanto para os nativos da Nova Guiné, o que se passava era um evento real (isto é, algo que poderíamos assimilar, em linguagem psicanalítica, a uma equação simbólica onde os termos se

2. É interessante observar que a palavra *testemunho* em sua raiz significa “agarrar os testículos com a mão”.

equivalem). Mas do nosso atual ponto de vista, podemos dizer que ambos estavam, não importa se simbólica ou literalmente, transferindo as qualidades atribuídas (e é isso que aqui importa) a seu Phallus seja para um arção seja para um menino.

O trabalho de pesquisa e análise de Vanggaard prossegue no sentido de ampliar o lugar do simbolismo phallico na antiguidade trazendo sinais evidentes da associação entre o simbolismo sexual e a agressividade, para além da fertilidade, ressaltando seus usos nas funções de domínio e submissão.

Enquanto entre os Dórios um menino atingiria sua virilidade através de sua submissão a um homem mais velho, os homens adultos que se submetiam a outros homens perdiam sua masculinidade e tornavam-se efeminados, expostos à vergonha e ao desprezo. Assim, a submissão podia ser aceita e valorizada em certos papéis – aquele do aluno, por exemplo – enquanto sob outras circunstâncias ela era considerada vergonhosa e humilhante.

Quanto à agressividade, o uso do comportamento sexual fora da esfera sexual para indicar diferença de poder (domínio ou submissão) freqüentemente encontrado em animais ³ também é usado pelo homem. Diferentes exemplos de agressão phallica revelam aspectos de um padrão profundamente enraizado na natureza humana e animal (do mesmo modo que nos povos primitivos o poder phallico estava equiparado ao poder da lança, do machado e da espada).

b) A Pederastia na Grécia Antiga e o conceito de *Areté*

A palavra '*paidierastia*' vem da junção entre '*pais*' (menino) e '*erastes*' (amante) e representava uma parte fundamental da formação educacional dos Dórios. Quando os jovens nobres espartanos completavam 12 anos, eram procurados por amantes que se tornavam responsáveis por sua conduta e desenvolvimento. O status destes amantes era tal que tinham o direito de aparecer em pé de igualdade com o pai do menino e seus irmãos mais velhos, e defender os interesses de seu aprendiz perante a assembléia na '*Agorá*'.

3. Um exemplo é dado pelo Baboon que abre as pernas e exhibe seu pênis com objetivo de expressar poder e ameaçar agressivamente. Inversamente, quando um macho se sente ameaçado por outro mais forte, ele escapa do perigo assumindo a atitude de uma fêmea no cio. Ele se vira com a calda levantada e as costas arqueadas, expondo suas partes íntimas para o macho superior. Este então cessa a ameaça e monta o submetido, imitando o ato de acasalamento.

As formalidades no arranjo de um relacionamento pederasta eram semelhantes às do casamento nos dias de hoje, pois o *'erastés'* (amante) e o *'erómenos'* (amado) partilhariam a fama e a vergonha, a honra e a desonra. Isto fazia com que tanto a família do menino quanto aquele que se tornaria responsável por sua educação, tomassem todo o cuidado em suas escolhas, verificando as qualidades e características de conduta de ambos os lados desta parceria. Essas relações de amor não eram, portanto, aventuras perversas no sentido como as entenderíamos hoje. Elas aconteciam abertamente diante de olhos públicos, eram vistas como de grande importância pelo Estado e era supervisionada pelas autoridades responsáveis.

Mas para entendermos com mais clareza esses amantes de meninos, bem como esses meninos que buscavam ser amados, é preciso conhecer o significado da palavra *'areté'*, pois ela concentra todo o ideal de educação da Grécia Clássica.

Os Dórios supervisionavam a formação educacional de meninos com uma intensidade, severidade e consistência muito admirados pelos restantes gregos. Em todo lugar o objetivo da educação era o desenvolvimento de *'areté'*, palavra que corresponde ao conceito grego comum de nobreza, para a qual não temos equivalente preciso na linguagem atual. *'Areté'* recobre uma enorme variedade de significados que podem ser vistos, em seu conjunto, como uma entidade que expressa um ideal de nobreza que era, por sua vez, a fonte da cultura espiritual da Grécia e, portanto, de tanta importância para a nossa própria cultura.

'Areté' se expressava, resumidamente, como a força propulsora da habilidade, poder e caráter do homem, reunindo qualidades de habilidade no uso das armas, coragem, lealdade, obediência, autoridade, solidariedade, honestidade, integridade, poder de julgamento, justiça, temperança, generosidade e confiabilidade. Entremeada com honra, fama e distinção, *'areté'* era inconcebível sem que esta nobreza fosse testemunhada pela ordem da filiação, fazendo com que pais e ancestrais fossem invariavelmente enumerados quando um homem era descrito. O menino não era mencionado pelo seu próprio nome, mas como o filho de seu pai, porque a nobreza do pai era a garantia de que o garoto seria adequado a aspirar a *'areté'*.

Ora, entre os gregos o Phallus era o próprio símbolo de *'areté'* com todas as suas complexidades de significado. Simbolizava a plena força da masculinidade e não apenas seu poder procriador, e era através dele que o mestre, o guerreiro, o herói amante, transferia sua própria *'areté'* para o

garoto. Era o sêmen do homem, administrado ao menino pelo ânus, o condutor de sua *'areté'*. Para o jovem doriano, o Phallus de seu tutor era a imagem completa de todas as suas características e, portanto, de tudo o que ele desejava adquirir. Por isso, um jovem Dório de 12 anos podia sentir-se profundamente envergonhado quando não conseguia um amante honrado para ser cerimoniosamente unido a ele, uma honra que em Creta era celebrada em público pela família.

c) O Phallus em Jung (Monick, 1987)

Na concepção jungiana, o Phallus é uma imagem arquetípica e, como tal, pertencente ao universo do inconsciente coletivo. Mais especificamente, o Phallus é, para o homem, o suporte da imagem de uma divindade masculina interna.

Falar sobre a masculinidade arquetípica significa se concentrar sobre o Phallus, o pênis ereto, emblema e padrão da masculinidade. Todas as imagens através das quais a masculinidade é definida tem o Phallus como ponto de referência: energia, determinação, eficácia, penetração, retidão, resistência, força, todas têm o Phallus dando a elas seu efeito. Ele é a marca fundamental da masculinidade, seu selo, sua impressão. A ereção aponta para uma poderosa realidade interna em ação, ação esta que não está inteiramente sob o controle do homem, já que esta realidade interna pode ser diferente de seu desejo consciente em dado momento.

Phallus é autoridade subjetiva para um homem, e objetiva para aqueles que entram em contato com ele. É isso que o torna arquetípico. Nenhum homem tem que aprender o Phallus, pois este a ele se apresenta como uma divindade, abrindo a porta para a profundidade do masculino. Visitações phallicas vêm de surpresa, com graça, repetidamente, geração após geração em todas as culturas, na maioria do mesmo modo. Uma realidade divina, misteriosa e invisível que não pode ser apreendida de outro modo, mas que dá suporte e significado à existência.

A glória da ressurreição phallica tem a ver com a capacidade do membro masculino retornar à vida após a derrota e a morte. Toda vez que o Phallus explode em orgasmo, ele morre. A energia verte do Phallus em grande excitação como a fonte da vida, e seu tempo acaba. O homem se "gasta". A quietude retorna, o desejo de descanso se abate sobre ele como se ele estivesse caindo num túmulo, trazendo a necessidade de dormir. Phallus é ereção, e não o pênis flácido. O Phallus físico se tornou um símbolo religioso e psicológico porque ele tem decisão própria, independente do desejo consciente de seu dono a respeito de quando e com

quem ele quer acordar para a ação. É, portanto, uma metáfora apropriada para o próprio inconsciente e, especificamente, o modo masculino de inconsciente.

d) O Phallus em Freud

Freud fez uso da palavra *Phallo* pela primeira vez em sua obra em 1910, no texto “Leonardo Da Vinci e uma lembrança de sua infância”, depois em 1918 no texto “O tabu da virgindade”, em 1927 no texto sobre “O Fetichismo”, e por último em 1932 no texto “A aquisição do controle sobre o fogo”. Em todos esses textos o significado da palavra está diretamente relacionado ao órgão sexual masculino, ou seja, como uma representação simbólica do pênis, representação esta que pode, também, ser atribuída ao corpo da mãe pela criança pequena (crença na universalidade do pênis).

Mas será a partir da descoberta da universalidade do Complexo de Castração que Freud poderá apreciar melhor a questão phallica na sexualidade infantil. Surge em 1923 a expressão *primazia do Phallo* no texto “A organização genital infantil”, momento em que Freud começa a dar maior relevo à idéia do Phallo como um referencial a partir do qual cada um dos sexos vai se diferenciar pela oposição não castrado (homem) X castrado (mulher). Ele diz:

“Esta organização genital infantil consiste no fato de, para ambos os sexos, entrar em consideração apenas um órgão genital, ou seja, o masculino. O que está presente, portanto, não é uma primazia dos órgãos genitais, mas uma primazia do Phallo”.

A partir de 1924, a expressão *fase phallica* vai surgir como substituição da expressão *fase de latência* (o que o fez acrescentar a expressão primazia do Phallo no texto de 1905 “Três Ensaios sobre a teoria da sexualidade”) nos textos “A dissolução do Complexo de Édipo”, em 1925 “Algumas conseqüências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos”, em 1931 “A sexualidade Feminina”, em 1933 “A feminilidade” e por último em 1940 “O desenvolvimento da função sexual”.

Será durante esta fase que menino e menina estarão às voltas com a entrada e saída do Complexo Edípico e as características desta travessia para cada um dos sexos: a menina entra no percurso edípico pelo fato de se perceber castrada e vai, em sua travessia, buscar uma solução para isto. Enquanto que o menino vai atravessar o percurso edípico buscando uma solução para não ser vir a ser castrado. Em outras palavras: a menina

entraria no Édipo por causa da castração, enquanto que o menino sairia dele por causa da ameaça de castração.

e) O Phallus em Winnicott

Talvez pelo fato de que o trabalho teórico e clínico de Winnicott tenha se concentrado basicamente nas questões pré-edípicas, a palavra Phallus praticamente não aparece em seus escritos a não ser em dois momentos (até onde pude pesquisar). Uma primeira vez em 1951, em seu texto *“Objetos transicionais e fenômenos transicionais”* quando busca diferenciar a palavra fetiche do conceito de objeto transicional.

“Eu preferiria guardar a palavra fetiche para descrever o objeto que é empregado devido a um delírio de um Phallo materno. Iria então mais adiante e diria que devemos manter um lugar para a ilusão de um Phallo materno, isto é, uma idéia que é universal e não patológica. Se agora deslocamos a ênfase da palavra objeto para a palavra ilusão, aproximamo-nos do objeto transicional do bebê; a importância está no conceito de ilusão, que é universal no campo da experiência”.

Em outro momento, numa carta para Gabriel Casuso (Winnicott, 1990) em resposta a uma consulta deste com relação a seu filho.

“Parece-me que a idéia daquilo que em termos psicanalíticos é chamado um pênis, surge originalmente em relação a certas qualidades na mãe, tais como regras e regulamentos, timing, dureza, indestrutibilidade. Em datas variáveis, essas idéias se juntam e podem ser transmitidas ao pai, se ele estiver presente. Nesse caso, está se desenvolvendo a idéia de um elemento indestrutível, que facilmente constitui a origem para a subsequente apreciação do Phallo paterno. Antes que isso ocorra, há vários desvios, um dos quais é a idéia de um Phallo materno... Que tarefa o bebê tem, reunindo essas idéias sobre sua própria genitalidade, e o conceito de Phallo paterno que, como tentei descrever, é constituído a partir de outra origem! Parece-me que observações sobre o Phallo paterno às vezes se unem a uma das origens, às vezes a outra”.

Nestes dois momentos parece claro que Winnicott compartilha com Freud a idéia de um pênis atribuído ao corpo da mãe, mas a palavra Phallo aí está como representação de algo imaginado como indestrutível, rígido, mas também como associado a regras e a um timing que se no início são características da mãe ambiente (Phallo materno), mais tarde poderão ser associadas ao pai (Phallo paterno).

Entretanto, as idéias de Winnicott a respeito do campo do masculino e do feminino não passam pela questão phallica enquanto divisora

dos seres humanos entre castrados e não castrados (sobre o quê ele não se deteve), mas e talvez principalmente, pela diferenciação entre o Ser e o Fazer (Winnicott, 1975).

Winnicott considera que no início da vida o bebê não é ainda capaz de fazer uma clara distinção entre ele (sujeito) e o outro (objeto). Trata-se de um momento de identificação primária onde, do ponto de vista do bebê, ele é a mãe, ele é o seio. É a esta identificação tão inicial com o seio que Winnicott chama de relação com o objeto feminino puro, relação esta que está na base do futuro sentimento de *self* enquanto concepção subjetiva de que se é, se existe, se é real.

Este elemento feminino puro relacionado ao que o indivíduo percebe de si próprio enquanto ser existente está presente tanto em homens quanto em mulheres.

Já o elemento masculino puro está relacionado ao fazer, o que podemos entender como o agir sobre o objeto ou reagir a ele, também podendo estar presente tanto em homens quanto em mulheres⁴.

f) O Phallus em Lacan

Somente com Lacan o Phallo descolou-se completamente do pênis. Para ele o Phallo é um significante; um significante ao qual todos os outros significantes estão referidos: o significante da falta no Outro (e portanto daquilo que se supõe que o Outro deseja de nós). Sua dinâmica e sua economia se baseiam na dialética do ser e do ter. Na lógica freudiana, ele está presente nos homens (e é em torno dele que surge a ameaça de castração) e ausente nas mulheres (responsável pela inveja do pênis). Na lógica lacaniana, ninguém o tem, mas supor tê-lo ou não tê-lo é o que vai definir o campo do masculino e do feminino respectivamente, independente de seu sexo biológico. Nesse sentido ele pode ser também conceituado como o significante da diferença (Belichmar, 1978).

g) Phallo e Édipo em Freud e Lacan

Édipo freudiano leva em conta três personagens, a criança, a mãe e o pai, e trata da tensão que se instala entre esses três termos e seus efeitos sobre as relações entre elas: amor e ódio, ciúme e inveja, sucesso e fracasso, competição, etc., efeitos esses que estão na base dos processos de identificação da criança com seus objetos parciais, internos ou externos.

4. Winnicott sentia-se desconfortável tanto com os termos “masculino” e “feminino” quanto com os termos “ativo” e “passivo”. Mas preferiu usar os primeiros por falta de outros mais apropriados.

Sua travessia tem início a partir do momento em que a criança, que até então acreditava que todos os seres possuíam apenas um órgão genital, o masculino (primazia do Phallo), se dá conta de que a mãe não o tem. Essa constatação abala a relação de amor (narcisismo primário) da criança com a mãe de maneiras diferentes para o menino e a menina.

A menina vai desistir da mãe enquanto objeto de amor, considerada como responsável pela ausência de um pênis, e vai voltar-se para o pai enquanto objeto de amor, através de quem supõe poder resolver seu problema: no início recebendo dele um bebê, e no final, tendo ela mesma um filho de outro homem que não ele. Portanto a menina entra no Édipo por causa da castração e o soluciona pela superação da inveja do pênis através de um objeto que lhe parece, simbolicamente, equivalente.

O menino, por sua vez, vai odiar o pai pelo fato de ver nele um rival para sua relação com a mãe, mas pelo medo de vir a ser punido com a castração (tal como a menina, suposição sua, o foi um dia) abandona seu primeiro objeto de amor substituindo-o por outros objetos, solucionando assim o Édipo.

A oposição phallico (com pênis, vivido como muito valioso) X castrado (sem pênis, vivido como pouco valioso ou inferior), define para Freud a posição masculina e feminina respectivamente, sendo as duas posições portadoras de uma ferida narcísica que diz respeito à perda do primeiro objeto de amor, a mãe.

Em resumo, Complexo de Castração, no homem, representa angústia de castração, e na mulher, inveja do pênis acompanhada de um sentimento de inferioridade junto ao homem, e em ambos a perda de identificação com o Ego Ideal ligado ao narcisismo e à identificação primários.

Em Lacan o Édipo se conjuga com quatro e não três protagonistas: a criança, a mãe, o pai e o Phallo, sendo que, como já vimos, o Phallo em Lacan não é exatamente o mesmo que em Freud. A versão lacaniana do Édipo trata de uma seqüência de tempos em função de como se colocam os seus protagonistas em relação ao Phallo. São três os tempos do Édipo: no primeiro, a criança é o Phallo da mãe sem sabê-lo e esta, por possuí-lo, é a mãe phallica. No segundo tempo, a dialética do *ser ou não ser* é substituída pela do *ter ou não ter*, mas há ainda um personagem que é visto como sendo o Phallo. No terceiro tempo, ninguém *é* e nem *tem* o Phallo. O Phallo fica instaurado na cultura, para além de qualquer pessoa. O Phallo se tem (por suposição), mas não se é. (Bleichmar, 1978)

Portanto o Phallo aqui é uma função simbólica que tem, como característica principal, o estabelecimento de uma dinâmica que fica bem

representada na brincadeira do “passa anel”: algo que, à medida que circula, vai marcando o valor dos personagens envolvidos. Esta valoração diz respeito ao *Phallo imaginário*, definido como tudo aquilo que completa uma falta de perfeição, anulando a imperfeição, razão pela qual ao se imaginar como o Phallo da mãe, completando-a, ela adquire para a criança a imagem de uma mãe phallica, isto é, completa e perfeita, a quem nada falta.

A percepção pela criança de que ela não é o Phallo a leva a uma dedução lógica segundo a qual o Phallo é, então, outra coisa que não ela, diferente dela. Ele é algo que até então era representado por ela e agora está sendo representado por outra coisa diferente dela, marcando com isso a distância entre o símbolo e o simbolizado. Ela acede, então, ao *Phallo simbólico*, significante da falta no Outro, representante externo de uma cadeia metonímica de objetos que substituem, por equivalência, aquele inicialmente desejado (Bleichmar, 1978).

O drama edípico começa então com duas descobertas por parte da criança: primeiro, que ela não é o Phallo da mãe, e segundo que a mãe não tem o Phallo. Um susto e uma corrida levam a criança a buscar a direção do olhar da mãe. Onde está? O que é? Como conseguir o que a ela falta e que, portanto, deseja?

A criança deduz que, se ela não é o Phallo (o que já é um tremendo avanço do ponto de vista de seu desenvolvimento psíquico) talvez ela possa tê-lo. Possui-lo lhe daria a garantia de um gozo permanente com a mãe. Mas isso não acontece. Primeiro porque a mãe goza com outras coisas além do filho, e segundo porque o pai lhe disse que esse gozo lhe é proibido. E porque ele lhe disse isso, o gozo phallico é sempre um gozo insatisfatório, limitado. Limitado, também, porque é própria ao Phallo a alternância entre a suposição de sua existência e a constatação de sua inexistência ali onde se pensava que ele estaria. Assim como o pênis, que inspirou seu símbolo, e que alterna entre a ereção e a flacidez, embora somente em estado de ereção e destacado do corpo é que ele pode ser assimilado ao Phallo.

Assim, o gozo pode ser apenas eterno enquanto dura. Há um limite para esse tipo de gozo, seja qual for o objeto escolhido como suporte para essa potência phallica; tais objetos têm em comum a característica de serem marcados pela castração e pertencerem metonimicamente a uma cadeia simbólica que tem no Phallo seu maior representante enquanto aquilo que falta nesta cadeia.

A passagem que vai desde a idéia de *ser o Phallo*, em seguida buscar *tê-lo*, depois passar à *suposição de tê-lo* e por fim remeter essa busca à cultura, é o que vai estruturar nosso psiquismo em termos de psicose, perversão ou neurose, bem como a localização do sujeito no campo do feminino ou do masculino para além de sua anatomia (Dor, 1997).

Estamos aqui na origem mesmo da formação da subjetividade do indivíduo razão pela qual a passagem edípica ocupa um lugar tão central na psicanálise. Dos inevitáveis percalços vividos pelo indivíduo em sua travessia dependerão sua sexualidade, sua estrutura psíquica e conseqüentemente seu tipo de eleição de objeto, suas identificações, mecanismos de defesa, regulação narcísica, a construção do ego ideal e do ideal de ego, etc.

h) O percurso histórico do Phallo – uma síntese

Como vimos, Phallo está instaurado na cultura para além de qualquer pessoa. Nesse sentido, é muito interessante observar o percurso do Phallo ao longo dos séculos na sociedade dos humanos. No início, colado no real do órgão sexual masculino, como representante do seu poder gerador. Na Grécia, ainda colado no real do pênis, como transmissor de valores ligados a um ideal masculino e estreitamente vinculado à ordem da filiação (um menino se descreve pelo nome de seu pai, portador do Phallo e de *areté*, que por ele circula). Em Jung o representante de uma força divina de natureza masculina, dignificando seu valor e poder. Em Freud, vinculado ao pênis como seu representante psíquico, simbolizador do masculino e, portanto, narcisicamente valioso, opondo-se ao feminino visto como faltante e por isso inferior.

Já em Winnicott algo assimilado à idéia de rigidez e indestrutibilidade bem como a regras e a um ritmo, primeiramente assimilado à mãe e depois, se ele estiver presente, ao pai. Em Lacan, o significante da falta enquanto Phallo simbólico e assimilado a valores de excelência enquanto Phallo imaginário.

Se durante 8.000 anos o Phallo esteve sempre associado ao homem e excluído da mulher, coube à psicanálise, principalmente a Winnicott e Lacan descolá-lo inteiramente do órgão sexual masculino, relacionando-o a funções organizadoras tanto para homens quanto para mulheres. Entretanto, a figura do Pai manteve-se como o todo poderoso portador do Phallo imaginário, pelo menos enquanto durou o período da sociedade patriarcal.

Tendo em vista a rica contribuição de Lacan sobre a concepção psicanalítica do Phallo, reúno aqui os aspectos principais que interessam a este trabalho sem, de forma alguma, esperar com isto esgotar a complexidade de sua significação para este autor.

- Ele é aquilo que falta à mãe.
- O lance inicial para a sua dinamização, depende do olhar da mãe.
- Seu agente, na sociedade patriarcal, é o pai.
- Ele é aquilo que se pode almejar desde que submetidos a uma Lei, a Lei da Proibição do Incesto. Ele aponta para o que se denomina *gozo phallico* em oposição ao *gozo do outro* que está relacionado à fusão com a mãe.
- Ele é permutável, metonimicamente, com outros objetos que passam a ter entre si uma relação de equivalência sexual, todos referidos à castração e, portanto, marcados pela aceitação do limite imposto pela Lei da Proibição do Incesto.
- Dependendo do lugar em que o sujeito se coloca com relação a ele dependem sua sexuação e sua futura estrutura psíquica.
- Do ponto de vista estrutural, sua entrada em cena dá a partida para o estabelecimento dos laços do indivíduo com a linguagem e com o simbólico.
- Ele é aquilo em torno do que gravitam os desejos da criança, da mãe e do pai, ordenando-os e articulando-os no interior da tríade, servindo de ponto de amarração para o complexo de castração e contribuindo para o destino do Édipo no menino e na menina.

i) O Homem, a Mulher e o Phallo - Algumas conseqüências psíquicas da assimetria phallica

A afirmação lacaniana de que a mulher não existe não diz respeito a qualquer mulher, mas sim à categoria Mulher. Tal afirmação decorre do que ficou conhecido como as *fórmulas da sexuação*. De acordo com elas, os homens formam um conjunto: o conjunto daqueles que são castrados. Este conjunto denota uma categoria, a categoria Homem, porque há um elemento externo a ele; um elemento que lhe faz exceção o que, portanto, sustenta sua lógica. Diz-se então que todos os homens são castrados, menos um. Este elemento externo seria em Freud, o Pai da Horda e em Lacan, o Pai Morto.

Já as mulheres não formam um conjunto porque não há uma exceção a ele que o sustente, isto é, não há ao menos uma mulher que tenha o

Phallo. Daí a lógica da histérica segundo a qual ela *sabe* que ninguém tem o Phallo, mas se alguém tiver, ela também se sente no direito de ter - razão pela qual ela faz, permanentemente, objeção à potência phallica masculina. (Similarmente, o perverso também admite que todos são castrados. Menos ele). Dentro da terminologia conceitual lacaniana, a mulher pertence ao campo do grande Outro, campo onde nada faz exceção, que se caracteriza pelo silêncio e pela ausência de limite.

Dessa assimetria phallica decorrem alguns problemas interessantes para a relação homem mulher:

- *A relação sexual não existe*

O que suscita o desejo de um homem por uma mulher é o fato dela ser o suporte de um objeto de desejo (Melman, 2004). É uma parte do corpo da mulher que vai ser o suporte de seu desejo; alguma imagem que faça, para cada homem, o semblante de seu objeto de desejo. Por outro lado, o que a mulher busca no homem é o Phallo. Lacan diz que a relação sexual não existe porque ela não se estabelece entre dois parceiros, mas entre dois objetos que não são os mesmos para um e para o outro sexo.

- *O teatro da corte sexual*

Para se tornarem desejáveis ao outro, novas complicações acontecem pois a mulher, não tendo o Phallo, se faz dele e se oferece para ser amada, lançando mãos das máscaras da feminilidade. Ela finge ser o que não é e dar o que não tem. O homem, portador do pênis, reveste-o com a máscara do Phallo fazendo crer para o outro e para si mesmo que o pênis é o Phallo, enquanto objeto capaz de preencher a falta na mulher. (Melman, 2004)

Em resumo, cada um finge ser ou ter o que não é e nem tem, para dar ao outro o que de fato não se é e nem se tem.

- *Sintoma e devastação*

Melman (2004), em seu seminário “Será que podemos dizer com Lacan que a Mulher é o Sintoma do Homem?”, fez a seguinte afirmação: “A Mulher é o sintoma do Homem, e o Homem, para a Mulher é uma devastação”. Por quê? Porque diante de um outro igual, o Homem tem como medir, competir, e conferir sua potência e seu valor, pois se encontram no mesmo campo e têm como valor a mesma moeda de troca, o Phallo. Mas se colocarmos agora um Homem diante de uma Mulher, esta que lhe chega como radicalmente Outra, veremos que para que ele faça valer sua potência phallica ele depende do consentimento da mulher, isto é, que

ela não lhe faça objeção. Diante de uma Mulher, o Homem necessita que ela abra mão de seu próprio campo, que renuncie à sua filiação, que sacrifique inteiramente sua condição de sujeito desejante para lhe ser fiel e, desta forma, fazer reconhecer a potência paterna na qual, também por efeito de estrutura, está instituído como representante.

- *Sexo e reprodução*

Nas funções de reprodução e perpetuação da espécie a Mulher, através da maternidade, equilibrava as funções simbólicas e a valência phallica de cada um dentro da família. À medida que a função de reprodução foi se separando da função sexual, os problemas entre Homens e Mulheres se acentuaram. Esta separação, segundo Melman (2004), nos ajuda a compreender a frequência da neurose: ela nos mostra que o desejo do sujeito é de poder se desembaraçar ao máximo do sexual, que o sexual é o fardo do qual Homem e Mulher desejam se desembaraçar.

- *A mínima diferença*

O pênis, enquanto suporte do Phallo, é algo que se dá a ver e que serve de suporte à construção da masculinidade. Já a mulher, cujo órgão não se dá a ver, é compelida a atrair o olhar sobre o seu corpo por inteiro. De acordo com Kehl (2004), a posição masculina é muito mais ameaçada do que a feminina já que o homem precisa se colocar à prova enquanto que a mulher se mantém como promessa, como possibilidade. A autora conclui:

“O que é a mínima diferença? É o que nos constitui a partir da vivência das conseqüências psíquicas da diferença sexual anatômica; a diferença entre quem está diante de uma perda consumada e quem está diante de uma ameaça de perda. É a diferença constitutiva de homens e mulheres diante da angústia de castração. Se existe alguma marca universal que identifica todas as mulheres, é exatamente este a menos da angústia de castração”.

Talvez por isso, mulher mostre para com a castração, para com os interditos do homem que lhe são necessários para fundar o seu desejo, uma liberdade, uma impertinência, que vem implicar no homem seus próprios limites. Ela mostra que seus limites lhe fazem rir, porque ela não tem necessidade disso. Ela pode dispensar isso porque ela já não tem mais o que perder. (Melman, 2004)

II - Da Sociedade Patriarcal à Sociedade Pós Moderna

Na Sociedade Patriarcal o Phallo era aquilo que o pai era suposto ter, e era ele também o guardião da Lei da Proibição do Incesto. Por isso, era ele o melhor agente da castração entendida como uma alteração sobre o vínculo mãe/bebê. Era o pai o melhor agente para a introdução da criança no simbólico, impedindo-a de permanecer imersa no mundo da língua materna, assimilada à natureza, para o mundo da linguagem, e por isso compartilhável. Mundo este no qual a criança passaria a viver o desconforto de constatar que as palavras (mundo dos humanos) não são as coisas (mundo da natureza). Motivo pelo qual permaneceria buscando, metonímica (em seus objetos de satisfação) ou metaforicamente (em seu sintoma), seu vínculo primitivo com a mãe; relançando seu desejo para novos e novos objetos, supostos satisfatórios à sua empreitada.

Hoje, à luz de tudo que temos refletido a respeito das questões trazidas pela pós-modernidade que tem em seu centro, entre outras coisas, o declínio do patriarcado, todo esse percurso que consideramos a base das civilizações sofre alguns importantes abalos. E é a respeito destes abalos, sobretudo no que diz respeito ao homem e à construção da masculinidade, termo hoje quase fora de moda, que surgiu esse trabalho.

a) A Mulher Hoje

Segundo a tradição freudiana, o bebê assume para a mulher o lugar de consolo para a sua inveja do pênis e talvez fosse de fato esse o estado de coisas naquele momento cultural. Entretanto, quando no texto *A Organização Genital Infantil* (1923) Freud afirmou que a característica principal daquela organização consistia no fato de que ali estava em curso a primazia do Phallo e não a primazia dos genitais, ele anunciava a chegada de um tempo em que sexo e reprodução seriam não só psíquica, mas fisiologicamente, inteiramente separáveis. Isso se reforçou com a chegada das técnicas de contracepção e reprodução assistida.

Por outro lado, os anos após guerra foram fortemente marcados pelos movimentos feministas que, se por um lado trouxeram grandes benefícios no que se refere ao estatuto político, social e econômico da mulher, por outro serviram de pano de fundo para a atualização de posturas marcadamente phallicas por parte daquelas que tinham, por objetivo principal, afirmar sua “objeção phallica” ao homem. Sobre estas últimas podemos até nos perguntar se não passaram de uma reivindicação histórica a uma compulsão obsessiva, com direito até a um núcleo fóbico ati-

vado a qualquer traço de masculinidade de estilo patriarcal, imediatamente taxado de machista, palavra que, para muitos homens, se tornou um xingamento, motivo de constrangimento e vergonha.

Isso detonou, a meu ver, uma grande confusão, um grande e lamentável equívoco quanto ao significado original do movimento feminista que, em nome da “igualdade entre os sexos”, produziu a desqualificação de posições masculinas e supervalorização da posição feminina. O fato é que as mudanças no comportamento da mulher trazidas pelo feminismo, a partir das quais aparecem e se afirmam como seres desejantes, como profissionais, como provedoras, produtoras de conhecimento, deslocaram os homens das funções e lugares garantidos que exerciam há séculos. Se antes o homem contava, de saída, com a submissão da mulher que em nada o ameaçava, hoje nada lhe parece garantido. (Fontenelle, 2003)

Se somarmos a isso o crescimento brutal do capitalismo, dos meios de comunicação de massa, das super ofertas de informação e objetos de consumo, cada vez mais descartáveis, prontos a transportarem seus usuários diretamente do inferno do mal estar na cultura, com seu gozo phallico sempre limitado, para o paraíso do gozo do objeto perdido, chegamos finalmente à mulher pós-moderna.

Num texto sobre a mãe contemporânea (Góes, 2003), comentei o quanto a mulher atual está afetada em seu desejo onipotente de se identificar, como o homem, como *ao menos uma* sobre a qual a castração não incida (o que significa retirar-se do campo do feminino e instalar-se no masculino). Mas nesta corrida, o que ela de fato conseguiu foi se tornar *mais-que-uma*: uma criatura polisaturada de “objetos de consolo” e encargos, públicos e privados.

Penso então que poderíamos definir a Mulher do século XX / XXI como aquela que decidiu, franca e abertamente, fazer objeção à potência phallica do Homem para evitar aquela devastação. Mas, como consequência, também já não tem como dar a ele, aquilo que de que ele mais precisa para sustentar a parceria. De certo modo, as mulheres jogaram fora a água do banho junto com a criança. Imagino que seja esta a razão pela qual elas se queixam de que não há mais homens tanto quanto eles se queixam de que já não há mais mulheres.

b) O Homem Hoje

Durante muitos anos após a criação da psicanálise estivemos nos perguntando e escrevendo sobre *O que quer uma mulher?* Mas de alguns anos para cá, tem crescido o número de textos e trabalhos a respeito de

uma questão que até então era tida como óbvia: o que é um homem? Em que consiste a masculinidade? Nasio (2002) prefere se perguntar: *o que pode um homem?* no sentido de “Estarei à altura de minha tarefa? Estou suficientemente preparado?”.

De acordo com Freud, o rochedo da castração parecia intransponível tanto para as mulheres que não se conformavam com a ausência do pênis, quanto para os homens que se recusavam terminantemente a cair no lugar da castração, vivida como passiva, humilhante, feminina, submissa.

A Sociedade Patriarcal foi, por definição quase tautológica, bastante pródiga quanto aos modelos identificatórios para pais e filhos homens em sua missão de diferenciar-se da figura da mulher bem como para construir e provar sua masculinidade. Para isso, contava com uma concepção hegemônica de masculinidade que compreendia duas características principais: o domínio – tanto sobre outros homens quanto sobre as mulheres – e a heterossexualidade. Havia ali um modelo claro e seguro, ainda que cheio de desafios e provas a serem vencidas⁵.

Entretanto, a desmontagem da organização patriarcal atirou ao chão toda uma coleção de papéis que ajudava a driblar o fantasma da grande ameaça de castração através de representações sociais, familiares, profissionais, etc., compatíveis com as exigidas provas de masculinidade (sobretudo no que diz respeito às hierarquias).

A necessidade de se liberar do fardo do machismo somada ao movimento feminista instalou o homem moderno na chamada crise da masculinidade. Foi o início de um questionamento crítico a respeito daquele tipo de masculinidade, visto como o resultado de um processo de fabricação somente comparável à perfeição das máquinas. A partir dos *men's studies* americanos tem início a grande desmontagem daquele modelo abrindo o campo para a idéia de múltiplas masculinidades diferindo segundo a época, a classe social, a raça e a idade do homem (Badinter, 1993). Como numa explosão após anos de engessamento, hoje convivemos com uma variedade de estilos masculinos que, com a ajuda da mídia, tornaram-se ainda mais visíveis e consumíveis.

5. Badinter nos conta que no sistema patriarcal os homens utilizavam diferentes métodos para conseguir fazer do jovem um “homem de verdade”, entre os quais estão sempre presentes as provas de virilidade. A masculinidade é conquistada no final de um combate (contra si próprio) que não raro implica em dor física e psíquica. Para isso o jovem é com frequência confrontado com situações de extrema crueldade que produzem cicatrizes. Seu objetivo é reforçar a masculinidade que, sem elas, correria o risco de ser frágil, e mesmo nunca despertar.

Se no modelo anterior os homens pareciam relativamente protegidos de sua angústia pelos modelos identificatórios oferecidos pela cultura patriarcal, hoje já não podemos dizer o mesmo. A imagem que a cultura oferta ao homem de hoje prevê pouco ou nada de um traço que aponte à masculinidade do modelo patriarcal. No passado recente, o homem entrava no mercado de consumo através de produtos, tais como carros, cigarros e bebidas, nos quais a imagem do homem forte era explorada. Hoje as imagens ofertadas anunciam homens que trocam fraldas, que cuidam dos filhos, que cozinham, que desfilam, que cultuam a beleza e os cuidados com o corpo.

Se por um lado o leque de opções é amplo o suficiente para ser considerado, de um modo extremamente positivo, como no mínimo criativo, espontâneo, rico em possibilidades, bem ao gosto da liberdade produzida pelo *é proibido proibir*, por outro sabemos o quanto esta mesma liberdade ou, melhor dizendo, este excesso de liberdade pode ser angustiante. Quanto os variadíssimos e efêmeros modelos identitários resultantes da liquidez do mundo pós-moderno podem transformar o homem de hoje numa criatura permanentemente angustiada e perseguida.

Sabemos que algo precisa ser proibido para que algo seja permitido, ou para que algo possa ser transgredido. Assim, a ausência de referências culturais, senão sólidas, pelo menos coerentes, empurra o homem de hoje para a autogestão, para um processo solitário de auto engendramento de si mesmo. Quanto mais solitário este processo, mais persecutório o mundo se torna já que, em sua balança econômica interna, será através do levantamento de trincheiras narcísicas que ele vai tentar dar sustentação à única coisa que lhe restou como bússola: seu ego ideal, tão infantil quanto precário.

O homem que vem atualmente nos consultar, diz Nasio (2002), “é um sujeito preocupado e desestabilizado. Impotente, ejaculador precoce, fora dos eixos com sua companheira recentemente promovida e ao mesmo tempo melhor remunerada que ele; ou ainda, não sabendo mais como assumir sua paternidade para com seus filhos ou preservar o orgulho diante de seus amigos, o homem de hoje é um ser desamparado que nada mais tem a oferecer e se acredita indigno de amor. Quer ser amado não pelo que é, mas pelo que poderia ser, poderia dar ou poderia fazer”.

Figuras clínicas como violência extremada e fora de controle para com os filhos ou a mulher, falsos *selves*, depressão, apatia, pânico e confusão identitária são hoje lugares comuns em nossos atendimentos a pacientes masculinos.

c) O divórcio entre o pênis e o Phallo

O que temos visto é que esta saída de um mundo vertical e sólido para um outro horizontal e líquido determinou também um lento, porém insistente descolamento entre o pênis e o Phallo, não apenas dentro do universo psicanalítico (como assistimos em Lacan), mas também na cultura⁶.

No século XXI a referência phallica deixou de estar colada ao homem e este, que tinha no pênis uma garantia de posse do Phallo, deu-se conta dessa impostura, diferentemente da mulher que sempre soube de suas máscaras.

“O divórcio entre a anatomia e a condição phallica separa pênis e Phallo, assumindo este último, múltiplas formas de representação. O corpo masculino deixa assim de ser imaginado como a encarnação da potência por sua própria natureza. O Phallo circula com infinitas máscaras, até mesmo com cara de mulher” (APPOA, 2004).

Embora o pênis jamais tenha sido garantia da posse do Phallo a sociedade patriarcal ajudou o homem a usá-lo como tal. Com o declínio do patriarcado essa garantia ilusória cai duplamente: no simbólico e no imaginário. Cai o salvo conduto doado pelo patriarcado. Cai aquilo através do que o homem costumava se sustentar e autorizar. Ele hoje tem que se autorizar por si mesmo e não consegue encontrar referências sólidas para isso.

Jerusalinsky (2004) resume as diversas posições associadas ao Phallo do seguinte modo: masculino X feminino; laços de parentesco (proibido X permitido); infantil X adulto (habilitação para o ato ou não); intensidade (quantidade de orgasmos); oposição estética (diferenciação do masculino e do feminino pela estética), eterno X finito (ereção e flacidez).

Pois bem, as fronteiras demarcatórias de todas essas posições sofreram grandes transformações ao longo da modernidade até chegarmos aos dias de hoje: o masculino se feminizou e o feminino se masculinizou; os vínculos familiares se afrouxaram; as crianças viraram adultos e os adultos aspiram a juventude eterna; a estética é *unisex*; e a finitude usa máscaras de eternidade confundindo a vida com a morte. Não há rito de passagem, não há filiação, é cada um por si, buscando um reconheci-

6. Por vezes me pergunto até que ponto a psicanálise não contribuiu tanto para a expansão do feminismo em sua vertente de liberação sexual feminina, quanto para o descolamento entre o pênis e o Phallo no nível da cultura, bem como para a expansão dos limites até quase o seu apagamento desde a educação infantil até o comportamento adulto.

mento narcísico através de uma variedade de insígnias phallicas oferecidas pelo atual mercado cultural.

O Phallo hoje, mais do que nunca, é mercadoria que se compra, e como todas as mercadorias, artigo descartável tão logo atenda à urgência do gozo imediato, logo trocado por outro. Sem textura, sem tempo e espaço, sem duração. Estamos a uma enorme distância do Phallo na antiguidade ou do Phallo em Jung, pleno em sua dignidade, aquele que surpreendia, aquele a quem não adiantava procurar pois cabia a ele apresentar-se. Hoje o Phallo é mercadoria banal, vulgar. Nossos ídolos phallicos se transformaram em meras celebridades instantâneas sem qualquer dignidade.

Assim, como se tornar um homem e dar sustentação à masculinidade, num momento histórico em que tudo aponta para a desconstrução de tudo aquilo que dava sentido e servia de balizamento ao próprio masculino, o patriarcado?

Não ter o pênis como único suporte e garantia do Phallo tornou difícil nascer, crescer e se tornar homem no mundo contemporâneo, um mundo no qual a masculinidade, mais do que um território particular tornou-se um assentamento.

d) O lugar do Pai

Quanto à figura do pai atual, o edifício também balança. De acordo com a concepção lacaniana, o lugar do pai em psicanálise deve ser tomado em três dimensões (Dor, 1997):

- *Pai simbólico* - aquele cuja função é nomear o filho dentro de uma linha geracional, através do que esse filho não só adquire uma identidade como também se insere numa Lei (Lei de Parentesco que engloba a Lei da Proibição do Incesto). Ele é portanto o representante da Lei da Proibição do Incesto e das Leis da Linguagem. É aquele que substitui as coisas pelas palavras, e é **veiculado pela mãe**.
- *Pai Imaginário* - aquele vivido pela criança, tornando-se um elemento perturbador que questiona a certeza de sua identidade phallica com a mãe, já que, do seu ponto de vista, é para ele que a mãe olha e, portanto, é ele quem tem aquilo que ela deseja – o Phallo, e não ela, a criança. O Pai imaginário é, portanto, o todo poderoso portador do Phallo, ao mesmo tempo objeto de amor e de ódio, futuro fundador do superego através da permanente ameaça de castração.

- *Pai Real* - é o pai em carne e osso, aquele que **diz** “esta mulher é minha, e sou eu que sou suposto ter o que a ela falta (o Phallo), isto é, é a mim que ela deseja”. Ele é, portanto, um agente da castração simbólica e, principalmente, ele **não faz** a Lei ele **se serve dela**, isto é, ele está submetido a ela.

A leitura dos textos de Lacan sobre o pai por vezes nos deixa um pouco confusos quanto às seguintes perguntas: estas três funções do pai precisam ser realizadas pelo próprio pai da criança? A condição necessária para a realização destas funções está na posição subjetiva do indivíduo (isto é, suposto ter o Phallo), seja ele homem ou mulher, ou é necessária, digamos, uma função de apoio no corpo de um homem de sexo biologicamente masculino? (Fontenelle, 2003).

Essa é uma constatação teórica que reflete claramente o quanto as funções do homem pós-moderno não possuem nenhuma clareza em sua definição. Como pai **genitor**, isto é, reprodutor, ele pode ser encontrado num banco: um doador de espermatozóide para um óvulo a ser fecundado. Como **pai real**, isto é, aquele que deveria encarnar a Lei da Proibição do Incesto (mais comumente o pai genitor, ou companheiro da mãe) ele tem sido cada vez mais afetado com a perda de sua própria referência phallica determinada pelos movimentos da cultura. Isso para não mencionar o fato de que este pai real está cada vez mais ausente de casa. Como **pai imaginário**, isto é, aquele que é experienciado no dia a dia pela criança, visto e vivido como o todo poderoso portador do Phallo, futuro fundador do superego, aquele que o filho poderia usar como modelo identificatório, com o qual deveria aprender a lidar com sua ambivalência ... tudo vai depender de para onde a mãe está olhando. O pai **imaginário**, como nos diz Dor, é a *imago* do pai tal como a criança tem interesse de perceber na economia do seu desejo, mas também, tal como consegue uma representação a partir do discurso que a mãe lhe sustenta.

Lebrun (2004) nos ajuda a distinguir entre a função patriarcal e a função paterna, de modo a não cairmos no engano de achar que o declínio do patriarcado corresponde, necessariamente, a um declínio da função paterna já que esta última não se refere ao *papel* do pai, mas ao *lugar* que qualquer um ocupa para a mãe e para o filho, permitindo que se instale no aparelho psíquico a capacidade de substituição significativa, ou seja, a competência metafórica. Nesse sentido, a função paterna é equivalente à própria função da linguagem.

Entretanto, apesar desta advertência de Lebrun, o fato é que, uma vez tendo perdido a referência patriarcal, nem os homens, nem os pais,

nem as mulheres, nem as mães pós-modernas se sentem legitimados para a marcação dos limites, para as interdições necessárias. Eu acrescentaria: nem para as interdições necessárias ao filho, nem para aquelas necessárias à mãe do filho, a quem, após a inflação e o deslizamento de sua busca fallica para um sem número de objetos, ninguém parece conseguir barrar.

e) Em busca do Phallus Perdido – O Olhar da Mãe

Neste percurso em busca do Phallo perdido pude entrar em contato com um tipo de angústia presente nos homens pós-modernos que sempre foi muito familiar às mulheres, quando elas clamavam pelo reconhecimento de sua existência.

Por isso, vou reproduzir aqui um pequeno trecho de autoria de Otávio Augusto Winck Nunes (2004) que, a meu ver, conseguiu condensar em um parágrafo a essência dessa angústia:

“A maior visibilidade dessa nova posição masculina, que talvez não traga nenhum incômodo e nenhuma ameaça à mulher, parece ser esta: a do homem feminizado. Um tipo que, mesmo falando com voz grossa, funciona, na realidade, como uma espécie de Phallo drag-queen. Ou seja, um homem caricaturizado de mulher, adornado por todos os adereços femininos que mulher nenhuma arriscaria usar, mas que é, como toda drag-queen, portador, para geral espanto, de um pênis. Pênis que pode estar mal colocado, que talvez confunda e esteja fora de lugar mas, não é demais lembrar, que reclama pelo reconhecimento de sua existência”.

A pressão exercida sobre os homens pelas mulheres em suas queixas e reclames de igualdade entre os sexos parece ter como subtexto uma demanda de feminização do homem. Recebi recentemente pela Internet um texto / piada que pode ilustrar claramente essa idéia. Seu título é “O Homem Perfeito” e o reproduzo aqui:

“O homem perfeito é lindo; tem um pouco de mistério; é belo quando está rindo, é belo quando está sério. O homem perfeito é bom, tem um jeito carinhoso; quando fala, em meigo tom, causa arrepio gostoso. O homem perfeito é fino, é solícito, é fiel, tem a graça de um menino e é mais doce que o mel. O homem perfeito adora dar flores, botões de rosa, a alguma senhorita ou a uma velha senhora. O homem perfeito tem energia, não se cansa: lava louça, cozinha bem, gosta muito de criança. O homem perfeito é sensível à grande arte; gosta de dança e ballet. Nunca haverá de magoar-te. Encerrando, finalmente, os versos que perpetuei, se existir um homem perfeito o filho da puta é GAY”.

É curioso observar o fechamento dos versinhos para constatar que, de fato, as mulheres jamais estão satisfeitas. Mas se é verdade que hoje elas dizem “não há mais homens”, convém que nos perguntemos “ainda há mulheres?”

Ora, o reconhecimento do qual nos fala Nunes só poderia ser feito por uma mulher, assim como era do homem que a mulher esperava seu reconhecimento. Não como objeto, mas como sujeito. Mas não necessariamente o sujeito da castração (ligado ao sexual e à dialética do ter ou não ter) mas sim o sujeito do desamparo (mais assimilada à idéia de que somos todos) como diz Zeferino Rocha.

Mas, como sabemos, esta é uma negociação extremamente delicada e difícil. Uma negociação tão difícil que participou ativamente da implosão da família tradicional e, com a ajuda desses novos tempos líquidos, ambos decidiram se desenlaçar do Édipo, abrir mão das interdições, e viver, da maneira mais leve e inconsistente possível, relacionamentos de bolso, descartáveis, puramente sexuais, puramente objetivos. Hoje são as mulheres que deixaram de dar aos homens o reconhecimento enquanto sujeitos. Elas, tal como eles antigamente, os transformaram em objetos.

Voltemos então à nossa pergunta: o que a criança vê quando ela busca o olhar da mãe de hoje? Tentemos não nos esquecer de que, do ponto de vista da criança, a mãe está procurando o Phallo, ou o seu portador. E não vamos nos esquecer, também, que seria desejável que este portador do Phallo cumprisse, por desejo próprio, a função de interditor de seu vínculo com o filho, já que esta mãe, por mais inscrita no simbólico que esteja, dificilmente poderá interditar-se a si própria. Não é essa a sua função nem muito menos esse o seu desejo. A interdição é função do desejo de um outro sobre o vínculo entre seu filho com ela e vice-versa.

Portanto, não se trata, apenas, da direção de seu olhar, mas também da existência de alguém ou algo fora dela que funcione como o agente do corte, algo que possa ser suficientemente confiável para servir como respaldo para a angústia do desamparo anunciado por esta profunda ferida narcísica. Nesse caso, a mão que embala o berço não pode ser a mesma que o coloca nos rios da vida.

O que procurei mostrar ao longo deste trabalho é que a pergunta *Para quem olha mãe de hoje?* parece ter sido substituída por uma outra, ligeiramente diferente, mas cujas conseqüências têm sido profundas: Parece não ser mais para quem, *mas para o quê está olhando a mãe contemporânea?* O que nos leva a uma última pergunta: Qual será o ideal de homem que esta mãe de hoje consegue projetar para o futuro de seu

filho? Qual é o seu desejo, afinal, já que é neste olhar que poderíamos, quem sabe, reencontrar o Phallus perdido?

Paula Góes

Membro Efetivo do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro

Consultório: Rua José Linhares, 138/202 – Leblon

tel.: (21) 2259-2850

e-mail: pav.goes@terra.com.br

Referências

APPOA. Abertura. In: Congresso a masculinidade, 2004, Porto Alegre.

BADINTER, Elisabeth. *X Y: sobre a identidade masculina*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BLEICHMAR, Hugo B. *Introducción al estudio de las perversiones: la teoría del Édipo em Freud y Lacan*. El Salvador: Helguero Editores, 1978.

DOR, Joel. *Estruturas e clínica psicanalítica*. Rio: Taurus Editora, 1997.

FONTENELLE, Maria Ida. Algumas questões sobre o masculino hoje. In: *Masculinidade, paternidade, neurose obsessiva*. Brasília: Percurso Psicanalítico de Brasília, 2003. p. 39-44.

GÓES, Paula. Reflexões sobre a mãe contemporânea. In: _____. DA POIAN, C. (Org.). *Novos caminhos da subjetivação*. Rio de Janeiro: CPRJ, 2003. p.119-125.

JERUSALINSKY, Alfredo. Perfurações. *Revista da APPOA. A diferença sexual*, n. 27, p.9-17, 2004.

KEHL, Maria Rita. *A impostura do macho*. *Revista da APPOA. A diferença sexual*, n.27, p.90-102, 2004.

LEBRUN, Jean-Pierre. O declínio do patriarcado. In: *Les désaróis nouveaux du sujet*. (Texto de circulação restrita).

MEES, Lucia Alves. Estilo de vida, auto-ajuda e corpo da masculinidade contemporânea. *Revista da APPOA. A diferença sexual*, n. 27, p. 38-48, 2004.

MELMAN, Charles. *Novas formas clínicas no início do terceiro milênio*. Porto Alegre: CMC Editora, 2003.

- _____. O homem sem gravidade. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2003.
- _____. Será que podemos dizer com Lacan que a mulher é o sintoma do homem? Seminário, 2004, Rio de Janeiro. (Anotações pessoais).
- MONICK, Eugene. *Phallos, sacred image of the masculine*. Toronto: Inner City Books, 1987.
- NASIO, J. D. *Um psicanalista no divã*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- NUNES, Otávio Augusto Winck. Diferença Sex Uau! *Revista da APPOA. A diferença sexual*, n. 27, p. 29-37, 2004.
- ROCHA, Zeferino. Feminilidade e castração, seus impasses no discurso freudiano sobre a sexualidade feminina. In: Encontro Comemorativo dos 20 anos do Centro de Pesquisas em Psicanálise e Linguagem. 7., 2001, Recife.
- VANGGAARD, Thorkil. *Phallos, a symbol and its history in the male world*. New York: International Universities Press, 1972.
- WESTROPP, Hodder M. Phallic Worship (1875). *Internet Sacred Text Archive*, 2005.
- WINNICOTT, W. D. Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In: _____. *Textos selecionados: da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982. p. 389-408.
- _____. A criatividade e suas origens. In: _____. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975. p.95-120.
- _____. Carta 61, para Gabriel Casuso. In: _____. *O gesto espontâneo*. São Paulo: Martins Fontes, 1990. p. 86-87.

Artigo recebido em 5 de agosto de 2005

Aceito para publicação em 20 de setembro de 2005